

SERRA-PILAR

17 abril 2016 | ano 42 | Páscoa, 4º Domingo | 1954



josé antonio pagola

perfil humano de Jesus

www.serradopilar.com

1.

Nem todos os cristãos têm a mesma ideia de Jesus. Cada um de nós vai elaborando uma imagem pessoal da sua pessoa e da sua mensagem, de acordo com a nossa própria psicologia, o ambiente familiar e social em que temos crescido e, sobretudo, de acordo com o que vamos reconstruindo, de forma parcial e fragmentada, com base no que ouvimos de pregadores e catequistas.

E contudo, a imagem que temos de Jesus tem uma importância decisiva, pois condiciona a nossa maneira de entender e viver a fé. Uma imagem da fé, pobre, unilateral, parcial ou falsa, levar-nos-á a viver a nossa fé duma forma pobre, unilateral, parcial ou falsa. Daí a importância de conhecermos, o melhor possível, os traços e o perfil humano de Jesus, para não nos ficarmos por tópicos ou visões erradas do Senhor.

Por outro lado, é um erro pensar que alguém acredita em Jesus Cristo, apenas por ter interiorizado, em criança, as fórmulas dogmáticas que afirmam a condição divina e humana de Jesus. É, precisamente, porque acreditamos que Jesus é o Filho de Deus incarnado na sua humanidade, que temos de fazer um esforço por conhecer os seus traços humanos. Se não conhecermos a linguagem humana de Jesus, as suas parábolas, a sua mensagem do Reino de Deus..., dificilmente, nas nossas paróquias e comunidades, chegaremos ao conhecimento da Boa Nova que Deus nos quis revelar, através do seu Filho incarnado. Se nós, seus seguidores, não conhecermos a trajetória profética de Jesus revelada na cura dos doentes, na defesa dos pobres ou no perdão dos pecadores, não saberemos como construir um mundo mais humano, justo e fraterno, segundo a vontade de Deus.

O objetivo deste artigo é descrever, de forma breve, o perfil humano de Jesus, destacando alguns traços importantes. Não se trata duma descrição exaustiva, mas de algo que nos pode ajudar a recuperar, duma forma concreta, a nossa identidade de discípulos e discípulas desejosos(as) de aprender a viver de acordo com o seu estilo de vida, e de seguidores e seguidoras que seguem, bem de perto, as suas pegadas, rasgando novos caminhos ao projeto de Deus de construir um mundo mais humano.

JUDEU DA GALILEIA

Jesus nasceu durante o reinado do imperador Augusto, antes da morte de Herodes o Grande, na primavera do ano IV a. C. Não é possível indicar, com precisão, o ano do seu nascimento. Os historiadores situam-no entre os anos seis e quatro da nossa era. Morreu crucificado em Jerusalém, provavelmente a sete de Abril do ano trinta, executado por sentença do prefeito Pôncio Pilatos.

Muito embora dois evangelistas situem o seu nascimento em Belém, por razões teológicas, Jesus nasceu, quase com toda a certeza, em Nazaré. Os seus pais chamavam-se Maria e José. A sua língua materna foi o arameu. Não se sabe se sabia ler e escrever. Também conhecia o hebreu, língua literária em que

estavam escritos os livros sagrados que se liam na sinagoga. Segundo um cada vez maior número de investigadores, Jesus também falava alguma coisa de grego, sobretudo se tiver trabalhado, durante algum tempo em Séforis, importante cidade da Galileia, distante de Nazaré apenas cinco quilómetros. Jesus cresceu na pequena aldeia de Nazaré, na zona montanhosa da Baixa Galileia. Aprendeu a crer em Deus no seio da sua família e nas reuniões religiosas de sábado. Não frequentou nenhuma escola de escribas, nem foi discípulo de nenhum doutor da Lei. Na transmissão da sua mensagem nunca cita nenhum rabino. Comunica a sua experiência pessoal de Deus, recorrendo a parábolas, símbolos e comparações extraídas da natureza e da vida quotidiana dos camponeses.

Jesus não foi, exatamente, um carpinteiro ao estilo dos nossos dias. Era um artesão cuja atividade abarcava diversos trabalhos. Provavelmente, percorria as pequenas povoações das redondezas, reparando telhados danificados pela chuva, construindo portas e janelas de madeira, reparando jugos e arados.

<http://www.gruposdejesus.com/perfil-humano-de-jesus-1/>

2.

SOFRENDO COM UM POVO OPRIMIDO

Jesus nasceu numa povoação sob o domínio do império romano. Desde 63 a.C., ano em que o general Pompeu entrou em Jerusalém, que Roma dominava toda a zona, através de reis vassallos como Herodes o Grande e seus filhos ou, de forma mais direta, por meio de prefeitos.

Desde criança que Jesus tomou contacto com a crueldade dos romanos. Tinha uns meses, apenas, quando o general Varo sufocou uma rebelião, crucificando dois mil judeus nos arredores de Jerusalém. Ao mesmo tempo, Gayo acerrou-se da Galileia, incendiou a cidade de Séforis e as aldeias em redor, levando como escravos um grande número de camponeses. Esta brutal intervenção foi recordada durante muito tempo. São tragédias que nunca se esquecem nas pequenas aldeias. Jesus terá ouvido falar da ocorrência desde criancinha, com o coração apertado.

Anos mais tarde, pôde comprovar que Roma não só oprimia, militarmente, o seu povo, como também o ia explorando e empobrecendo. Enquanto uma pequena minoria de protegidos de Roma ia acumulando terras e riqueza, a maioria dos camponeses iam ficando cada vez mais pobres, espremidos pelos tributos que tinham de entregar aos governantes, e pelos dízimos e primícias reservadas ao Templo. Jesus via-os lastimar-se, quando os cobradores, vindos de Séforis, chegavam para levar as uvas e o grão acabados de colher. Muitos camponeses havia que se viam obrigados a desfazer-se das suas terras, para pagarem as dívidas. Não era, apenas, uma exploração económica. Era uma

humilhação e um atentado contra Deus, que Ihes tinha disponibilizado aquela terra, para dela desfrutarem em liberdade.

Mas algo havia, ainda, mais perigoso para Israel. Desde a invasão de Alexandre Magno (333 a.C.), que a cultura helénica penetrara, pouco a pouco, e cada vez mais, em Israel, pondo em perigo a identidade de todo um povo. Era uma situação desesperada. De nada servira a revolta dos macabeus contra Antíoco Epifânio (160 a.C.). Herodes o Grande e seus filhos, seguindo os gostos de Roma, continuaram e intensificaram, ainda mais, a helenização do país. As classes dirigentes e as famílias sacerdotais mais poderosas de Jerusalém colaboravam, em maior ou menor grau, com o herodianos. Que iria ser do “povo eleito”? Onde estava o Deus da Aliança? Por que não intervinha?

Em busca dum Deus Salvador

A determinada altura, Jesus abandonou o trabalho de artesão, abandonou a família, afastou-se de Nazaré e penetrou no deserto. Não ia em busca de uma experiência mais intensa de Deus, que satisfizesse a sua sede interior. Jesus não era um místico ansioso de harmonia pessoal, ao estilo de Buda. Jesus buscava a Deus como “força de salvação” para o seu povo. O que o fazia sofrer era o sofrimento das pessoas: a brutalidade dos romanos, a opressão que sufocava os camponeses, a adulteração da Aliança, a situação desesperada do seu povo.

E, contudo, quando se encontrou com o Batista, Jesus não possuía um projeto próprio. Ao ouvir João, Jesus ficou seduzido. Ainda não tinha visto nada igual. Para Jesus, ele não era apenas um profeta. Era “mais que um profeta”. Era, inclusivamente, “o maior entre os nascidos de mulher”. Que terá encantado Jesus assim tanto? Que viu ele na pessoa de João e na sua mensagem? Ao contrário de outros grupos religiosos do seu tempo, a visão profética do Batista estava centrada na raiz da questão: esta situação desesperada de Israel era devida ao seu pecado e rebeldia. O seu diagnóstico era simples e certo. A história do povo eleito tinha fracassado. Não se tratava de mais uma crise. Israel chegara ao ponto final do seu percurso, após uma longa sequência de pecados. Só lhe restava, agora, enfrentar o juízo definitivo de Deus, pronto a aplicar “o machado à raiz das árvores” que não dão fruto, a fim de as deitar por terra.

Segundo o Batista, o mal tudo contaminara. O próprio Templo estava corrompido. Já não era um lugar santo: os sacrifícios que ali se ofereciam, já não serviam para perdoar os pecados. Não havia que ter ilusões. Quebrara-se a Aliança. Fora anulada pelo pecado de Israel. De nada valia declarar-se “filho de Abraão”. Israel estava, praticamente, ao nível dos povos gentios. O povo precisava de reiniciar a história da salvação.

João não pretendia lançar o povo no desespero. Pelo contrário, oferecia-lhe um grandioso caminho de salvação. O povo devia dirigir-se, de novo, ao deserto, à região de Pereia, já fora da “terra prometida”, no preciso lugar onde, segundo a

tradição, o povo, conduzido por Josué, atravessara o rio Jordão, para entrar na terra que Deus lhe oferecia. Ali, o povo devia confessar os seus pecados e receber, nas “águas vivas” do Jordão “, o batismo de conversão para o perdão dos pecados”. Uma vez purificados os filhos de Israel atravessariam, de novo, o rio, para entrarem na “terra prometida”, e reconstruírem um novo Israel, capaz de dar “frutos dignos de conversão”. Nas palavras do Batista, a sua atuação constituía, apenas, uma preparação. Depois dele, viria alguém “mais forte”, que já não batizaria com água, mas “no Espírito Santo e no fogo”. Ele a todos conduziria ao seu destino de condenação ou de salvação.

Jesus ficou seduzido por esta grandiosa visão, deu acolhimento à mensagem do Batista, e fez-se batizar por ele. Este gesto significava que Jesus concordava com João sobre a necessidade de uma conversão radical de todo o povo e que, acima de tudo, partilhava da sua esperança. Tudo podia começar de novo. Fascinava-o a ideia de um povo transformado, liberto de tanta injustiça e sofrimento, desfrutando de uma vida digna e feliz, na fidelidade à Aliança.

Jesus não só quis ser batizado, como quis tornar bem concreta a sua própria “conversão”: de futuro, iria dedicar-se a colaborar com o Batista, na preparação do povo para a vinda de Deus. Já não regressou a Nazaré. Esqueceu família e trabalho, e deixou-se ficar junto do Batista, a ajudá-lo na sua tarefa. Não seria esta a melhor forma de acolher esse Deus que ia chegar para julgar e salvar Israel?

<http://www.gruposdejesus.com/perfil-humano-de-jesus-2/>

3.

PROFETA ITINERANTE DO REINO DE DEUS

Tudo se alterou quando Herodes Antipas mandou executar João. O projeto do Batista fora interrompido. Agora, que iria ser do povo, sem o profeta que o vinha preparando para o juízo de Deus? Que iria fazer o Deus de Israel?

Jesus teve uma reação surpreendente. Não pôs de lado a esperança que animava o coração de João, mas antes a radicalizou até limites insuspeitáveis. Não continuou a batizar. Deu por terminada a etapa de preparação que entusiasmara João. A morte deste não significaria o fracasso dos planos de Deus. Pelo contrário, Deus iria antecipar a sua intervenção, e atuar de um modo que nem João nem ninguém podia imaginar. Deus virá a este povo que não conseguiu levar a cabo a sua conversão por completo, mas, segundo Jesus, virá não como um Juiz irado, mas como um Pai Salvador. O povo irá, agora, conhecer a incrível misericórdia de Deus, e não a sua ira destruidora.

Jesus começou a falar uma nova linguagem. Segundo o evangelista Marcos, eis o que ele proclamava: “Completo-se o tempo e o Reino de Deus está próximo.

Convertei-vos e acreditai nesta Boa Nova”. O povo deverá dar ouvidos ao apelo à conversão, mas esta conversão não consiste na prática de penitência, nem na preparação para o juízo, mas em “entrar” no Reino de Deus, e em acolher a sua misericórdia.

Jesus abandonou o deserto e começou a percorrer os povoados da Galileia, proclamando a salvação que Deus oferecia a todos: não só aos batizados por João, como também aos não batizados. As pessoas já não tinham de se deslocar ao deserto. Era o próprio Jesus, na companhia dos seus discípulos, que percorria a terra prometida. A sua vida itinerante, pelas aldeias da Galileia, era um símbolo da visita de Deus que chegava como um Pai para instaurar uma vida mais digna e feliz para todos os seus filhos e filhas.

Jesus abandonou, também, a vida austera do deserto, e substituiu-a por um estilo de vida alegre e festiva. Não fazia sentido continuar a jejuar. Era chegado o momento de abandonar o gesto do batismo, e começar a celebrar refeições festivas abertas a toda a gente. Para se receber o perdão de Deus, não havia necessidade de subir até ao Templo a oferecer sacrifícios de expiação, nem sequer era necessário mergulhar nas águas do Jordão. Jesus oferecia tudo isso de graça, em nome de Deus, aos que acolhiam a Boa Nova do Reino.

Jesus, porém, queria proclamar a misericórdia de Deus numa forma mais concreta. Por isso se dedicou a algo que o Batista nunca fizera: curar doentes que ninguém mais curava; aliviar o sofrimento dos abandonados, tocar leprosos e impuros que ninguém mais se atrevia a tocar, abençoar e abraçar crianças e jovens, devolver a dignidade às mulheres desprezadas. Todos deviam poder sentir como estava próxima a salvação de Deus, até os mais indignos: os endemoninhados, os samaritanos e, inclusivamente, os pagãos.

Jesus abandonou a linguagem dura do deserto. Optou por uma linguagem poética. Começou a contar parábolas repletas de vida. O povo ouvia encantado. Tudo lhe falava da proximidade de um Deus bondoso: as aves do céu e as searas do campo, a semente lançada à terra e o fermento que levedava o pão na masseira. Com Jesus, tudo começava a ser diferente. Já ninguém falava da “imminente ira” de Deus. Jesus transmitia a experiência de um Deus “amigo da vida”.

Portador da Boa Nova de Deus

Que Deus era o “criador do céu e da terra”, controlava toda a criação e dirigia a história de Israel, disso o povo de Deus não duvidava. Por isso, na liturgia do Templo, ele era aclamado como Rei e Senhor. Mas, ao mesmo tempo, geração após geração, o povo suportara a terrível força do mal. Quando se deu o nascimento de Jesus, há já mais de seiscentos anos que Israel vivia sob o jugo de potências estrangeiras. Primeiro tinham sido os assírios e babilónios, mais tarde Alexandre Magno e os seus sucessores. Agora, vivia sob o domínio do brutal

império romano. Foi durante a dura experiência do exílio de Babilônia e, sobretudo, após ele, que Israel foi acalentando a esperança de que Deus não tardaria a intervir, a fim de destruir os invasores pagãos que o oprimiam, e estabelecer a justiça no seio do seu povo. Israel regressaria à fidelidade à Aliança e conheceria, finalmente, a paz de Deus.

No tempo de Jesus vivia-se, intensamente, esta expectativa. Os escritores apocalípticos desenvolviam um imaginário fantástico: o mal tinha tomado conta deste mundo, mas Deus interviria, de forma espetacular, a fim de o destruir e criar “uns novos céus e uma nova terra”. Nos círculos farisaicos, todos se esforçavam por observar, fielmente, a Lei; acolher a Tora equivalia a acolher o “jugo do Reino”; no dia em que o povo se tornar santo, surgirá o Reino de Deus. Na liturgia sabática do mosteiro de Qumrán, os monges celebravam Deus como o Rei dos céus, e esperavam a sua rápida vinda, para destruir os romanos (Kittim) e os filhos das trevas. O povo, entretanto, implorava, ardentemente, a vinda de Deus, com orações como o Qaddish: “Enaltecido e santificado seja o teu excelso nome, no mundo... Surja, de novo, o seu Reino na vossa vida... rapidamente e sem demora”.

Jesus surpreendeu toda a gente com a sua pregação: “O Reino de Deus já chegou”. Já aqui está na nossa própria vida. Não há que continuar à espera: “Vede, o Reino Deus já está entre vós” (Lc 17, 21). Não busqueis sinais espetaculares, nem percais tempo com as especulações dos escritores apocalípticos. O Reino de Deus está ao vosso alcance, podeis acolhê-lo e senti-lo. “O Reino de Deus está dentro e fora de vós” (Evangelho de Tomás, 3). É chegada a altura de acolher o Deus que surge como salvador e amigo da vida, na pregação e nos gestos libertadores de Jesus. No meio de toda aquela situação desgraçada do povo, é possível sentir já, a força humilde mas poderosa de Deus, desencadeando a libertação de Israel.

Não podia haver melhor notícia para o povo, do que o anúncio desta vinda de Deus. Segundo Jesus, Deus não vem para destruir, mas para libertar. Não pretende a destruição dos inimigos de Israel, nem o castigo dos pecadores. Jesus anuncia um Deus que “faz nascer o sol sobre bons e maus, e faz cair a chuva sobre justos e injustos” (Mt 5, 45). Deus não vem para controlar o mundo, com o seu poder dominador. Vem para destruir as forças do mal, com o seu poder criador e salvador. Deus não vem para reforçar a religião, nem para garantir a observância de uma determinada moral. Jesus não toma posição a favor do “povo eleito” e contra os “gentios”. Não defende os justos e cumpridores da Lei, em oposição aos ímpios que a não cumprem. Não anuncia a salvação aos batizados no Jordão, e a condenação aos impenitentes. Deus é Pai de todos. Para todos pretende e busca uma vida mais digna e feliz.

<http://www.gruposdejesus.com/perfil-humano-de-jesus-3/>

4.

CURADOR DA VIDA

Uma das facetas que, com maior rigor histórico, podemos afirmar acerca de Jesus, é a proximidade e a atenção preferencial que cultivava em relação aos que padeciam de alguma doença. Jesus anuncia e torna presente a salvação de Deus, curando leprosos, cegos, surdos, desgraçados, loucos, homens e mulheres incapazes de viver numa forma saudável, desprezados e marginalizados por serem suspeitos de pecado e impureza. Jesus não lhes oferece, apenas, a saúde física. Refaz-lhes, ao mesmo tempo, toda a sua vida. Liberta-os do isolamento e da marginalização; resgata-os do desânimo e do desespero; reconcilia-os com Deus; trá-los, de novo, à convivência; anima-os a viver em paz. Quando os discípulos do Batista lhe perguntam se é ele o que há de vir, Jesus responde numa forma bem clara: “Os cegos veem e os coxos andam, os leprosos ficam limpos e os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e é anunciada aos pobres a Boa Nova” (Mt 11, 2). O sinal mais claro de que Deus já está intervindo entre os homens, com a sua força salvadora, são as curas. “Se eu expulso o demônio pela mão de Deus, então o Reino de Deus já chegou até vós” (Lc 11, 20 = Mt 12, 28).

Segundo Jesus, o Reino de Deus está a chegar, mas não através da solene liturgia do Templo, nem da vida pura e austera dos monges de Qumrán, nem da observância praticada pelos fariseus, mas sim, através dos gestos de misericórdia de Jesus para com os doentes. Para Jesus, o que está em primeiro lugar, é a vida e não a religião. No reino de Deus, o que importa em primeiro lugar é cuidar e fortalecer a vida, onde ela se encontra ameaçada, diminuída e maltratada. Antes de mais, há que assegurar uma vida digna, aos que vivem numa forma indigna e desumana. A cura dos leprosos e endemoninhados é, talvez, o gesto mais significativo. Jesus aproxima-se destes homens e mulheres desprezados e temidos, marginalizados física, social e religiosamente, e devolve-lhes a saúde e a dignidade que a sociedade e a religião lhes retirou. Para Jesus, dedicar-se ao Reino de Deus, é lutar por uma vida mais saudável: “Não são os sãos que necessitam de médico, mas os enfermos”. Por isso, o primeiro critério para se julgar da veracidade numa religião, consiste em ver se ela transmite a vida ou produz a morte, verificar se promove o gozo de uma vida saudável ou se, pelo contrário, o anula.

Defensor da dignidade dos pobres

O Reino de Deus não constitui uma boa nova para todos, de forma indiscriminada. Pertence aos pobres. São eles os seus verdadeiros destinatários: esses homens e mulheres que se encontram em situação limite, os que não podem defender-se a

si mesmos, os maltratados pelos poderosos, os excluídos pela sociedade. A vinda de Deus constitui, para eles, uma sorte: “Felizes os pobres, porque de vós é o Reino de Deus. Felizes vós, os que agora tendes fome, porque sereis saciados. Felizes os que chorais, porque haveis de rir” (Lc 6, 20-21).

O sofrimento dos pobres é a prova mais clara da ausência do Reino de Deus e da sua justiça. Mas a última palavra não será de Tibério nem das famílias sacerdotais de Jerusalém. Jesus está convencido de que, o facto de Deus começar já a intervir no mundo, é sinal de que ele quer alterar a situação. Os pobres não são melhores que os outros, para merecerem um tratamento privilegiado da parte de Deus. A razão última para serem privilegiados, está no facto de serem pobres e oprimidos, pois Deus não pode reinar no mundo, sem fazer justiça àqueles a quem ninguém presta justiça, sem defender aqueles que ninguém defende. Os pobres são seres necessitados de justiça. Por isso, a vinda de Deus é um boa nova para eles.

É nisto que consiste a Boa Nova de Deus que Jesus proclama e promove de muitas maneiras. Com Deus a reinar entre os homens, os romanos já não hão de crucificar os judeus, os poderosos não hão de abusar dos fracos, os ricos não hão de explorar os pobres, os homens não hão de subjugar as mulheres. Jesus imagina o destino último da humanidade como um “banquete festivo”, onde os homens e as mulheres poderão desfrutar das bênçãos de Deus, em plena comunhão.

Jesus vive acolhendo aqueles que ninguém acolhe, instalando-se na vida daqueles que não têm lugar no coração de ninguém. Mas há mais ainda. Ao longo da história, muitos foram os que amaram os pobres. Mas é difícil encontrar quem, como Jesus, não só os ame, como o faça com um amor mais intenso e maior do que aquele que dedica a tudo o resto, seja a religião ou a moral, a lei ou a tradição. Este amor de Jesus aos pobres revela-nos Deus a uma nova luz.

Pregador da misericórdia de Deus

Jesus nunca explicou em que consiste o Reino de Deus mas, nas suas parábolas, vai sugerindo como é que Deus atua, e como seria o mundo se todos atuássemos como ele. Para Jesus, o Reino de Deus é a vida tal como Deus a quer construir. Como seria a nossa vida, se Deus fosse reinando, cada vez mais, no mundo e em todos nós? A espiritualidade de todos os grupos religiosos contemporâneos de Jesus, baseava-se numa exigência radical, que vinha bem explícita no Levítico: “Sede santos porque eu, o Senhor vosso Deus, sou santo” (Le 19, 2). À imitação de Deus, Israel sentia-se chamado a ser um povo santo e puro, separado dos povos pagãos. Mas, mesmo dentro do povo eleito, cada qual devia assegurar a sua própria santidade. Os sacerdotes e levitas deviam cultivar uma pureza superior à do resto do povo. Os homens detinham um grau de pureza superior ao das mulheres sujeitas, constantemente, à impureza da menstruação e do parto. Os

que gozavam de boa saúde eram mais puros do que os doentes. Os observantes da Lei, mais do que as prostitutas e os cobradores de impostos. Deste modo, a imitação de um Deus santo e puro, dava origem a uma sociedade discriminatória e exclusiva.

Ao proclamar a exigência radical de Deus nestes termos: “Sede misericordiosos como o vosso Pai é misericordioso” (Lc-6, 36), Jesus provoca uma verdadeira revolução. Ele não nega a “santidade” de Deus, mas o que caracteriza essa santidade não é a separação do que é impuro, mas sim o amor e a misericórdia. A compaixão é o modo de ser de Deus, a sua primeira reação perante o ser humano. Por isso, a compaixão não é, apenas, mais uma virtude, mas o modo de ser, de sentir e de atuar como Deus. Entrar no Reino de Deus, é viver focado no amor misericordioso de Deus.

Tudo o que Jesus faz é inspirado pela compaixão, e tem por objetivo a construção duma sociedade fraterna e acolhedora. Ele toca, constantemente, os leprosos, acolhe pecadores e prostitutas, deixa-se tocar pela mulher que sofria de fluxo de sangue. Nada nem ninguém o detém, na altura de oferecer o perdão de Deus aos pecadores. O gesto simbólico mais provocador, é a abertura da sua mesa a toda a classe de gente. Come com publicanos e pecadores, com puros e impuros. Não julga nem discrimina. Aproxima-se de todos, não como moralista, mas como amigo. As pessoas chamam-lhe “amigo dos pecadores”. De acordo com as suas palavras, Deus reina onde os homens e mulheres se respeitam, se acolhem uns aos outros e se perdoam. Um dia, Deus há de celebrar o banquete do seu Reino, rodeado de “pobres, estropiados, cegos e coxos” (Lc 14, 21).

<http://www.gruposdejesus.com/perfil-humano-de-jesus-4/>

5.

MESTRE CRÍTICO DE UMA RELIGIÃO

Jesus anuncia o Reino de Deus, no interior de uma cultura religiosa convencional, construída ao longo de vários séculos. A principal fonte desta religião estabelecida culturalmente, é a Lei de Moisés e a tradição sagrada, que se vai transmitindo de geração em geração. Esta religião incutida nas sinagogas, reavivada nas grandes festas judias, cuidadosamente preservada pelos intérpretes da Lei, impregnava toda a vida de Israel. O ideal do judeu piedoso era obedecer, fielmente, à Lei. Jesus não vive de acordo com esta religião convencional, mas a partir da sua experiência da misericórdia de Deus. O seu anúncio do Reino de Deus não é retirado da doutrina que se ensina nas sinagogas, nem da liturgia praticada no Templo de Jerusalém. Quando Jesus convida a “entrar” no Reino de Deus, está a pedir que passemos de uma religião convencional baseada no culto,

a tradição ou a Lei, para uma vida inspirada e configurada pela experiência da misericórdia de Deus.

Segundo a parábola do pai bondoso (Lc 15, 11-31), o problema de Deus é a criação duma família: umas vezes, porque o filho mais novo sai de casa; outras, porque o filho mais velho não quer entrar. O pai da parábola não age premiando ou castigando os seus filhos, de acordo com o estabelecido, mas ama e perdoa generosamente, movido, apenas, pelo seu amor misericordioso. Só espera que, também, os filhos atuem da mesma maneira. O filho mais velho, porém, nada sabe de misericórdia. Sabe é obedecer às leis. Assim, pode dizer ao pai com toda a verdade: “Nunca deixei de cumprir uma ordem tua” (Lc 15, 29). Aparentemente, tem uma vida exemplar. E contudo, é um homem que não sabe amar, não compreende o imenso amor do pai, não sabe acolher o irmão e perdoar-lhe. Há uma forma de observar a Lei que não humaniza nem liberta. E ele acaba, ao fim e ao cabo, por se revelar incapaz de entrar na festa do Reino. O mesmo sucede ao fariseu do Templo (Lc 18, 10-14). Cumpre, escrupulosamente, a Lei, vive uma vida religiosa mais exigente do que qualquer outro, dá graças a Deus pela sua vida exemplar, mas não sabe amar. Sente-se superior ao cobrador de impostos e despreza-o. Neste homem reina a lei e não Deus. Há uma maneira de entender e viver a religião que não nos conduz ao Reino de Deus. Jesus resumiu, de forma magistral, o seu pensamento, na parábola do samaritano (Lc 10, 30-37), onde nos apresenta, como modelo, a atuação daquele estrangeiro impuro, e crítica as classes mais puras de Israel. O sacerdote e o levita, ao verem o ferido, “desviam-se” e afastam-se. Na realidade, são incapazes de captar o sofrimento daquele homem, pois o encaram como uma ameaça à sua pureza sacerdotal e levítica. O samaritano, pelo contrário, ao ver o ferido, “sente compaixão” e aproxima-se, para fazer por ele tudo o que puder. Não se põe a pensar se é esse o seu dever ou não. Nada tem de cumprir ou observar. Deixa-se, apenas, levar pela compaixão, que é aquilo que não existe no coração do sacerdote e do levita. O legista tinha perguntado: “Quem é o meu próximo?”, isto é, até que ponto chegam as minhas obrigações?. É a abordagem de quem atua movido, não pelo amor misericordioso, mas pela religião convencional. Ao terminar a sua parábola, Jesus coloca as coisas na perspetiva correta: Qual destes terá sido o próximo do ferido? Quem se aproximou dele com amor e compaixão? O samaritano não teve em conta as suas obrigações religiosas. Atuou, simplesmente, como atua o Pai, movido pelo amor e pela compaixão. Por isso, Jesus disse ao representante oficial da religião judaica: “Vai e faz tu também o mesmo”.

Penso que, hoje em dia, nos diria a nós o mesmo: “Igreja do século XXI, sê como o samaritano. Acolhe em teu seio o Deus da misericórdia. Atende ao sofrimento dos que vivem mergulhados na fome, na miséria ou na humilhação. Defende a dignidade dos pobres deste mundo. Busca o Reino de Deus e a sua justiça. Tudo o resto virá depois. Ajuda os homens e mulheres da moderna

sociedade, a viver numa forma mais digna e feliz. Revela ao mundo entranhas de misericórdia. Não julgues nem discrimines. Não condenes. Anuncia, sempre, a Deus como Boa Nova. Sê amiga dos pecadores. Vive gritando com fé e esperança: Venha a nós o vosso Reino”.

Promotor do amor a Deus e ao próximo

Os judeus falavam da Lei com orgulho. Segundo a tradição, fora o próprio Deus que a entregara ao seu povo, pelas mãos de Moisés. Nela estava escrita a vontade do único Deus vivo e verdadeiro. Nela podiam encontrar tudo o que necessitavam para viverem, fielmente, a sua Aliança com ele.

E contudo, Jesus, inteiramente seduzido pelo projeto do Reino de Deus, não se concentra na lei. Busca a vontade de Deus, a partir de outra experiência diferente: está a chegar o Reino de Deus e isso altera tudo. A Lei que serviu para regular a vida de Israel, já não constitui fator decisivo para descobrir a vontade desse Pai compassivo, que quer construir um mundo mais justo e humano.

Quando um doutor da lei lhe pergunta: “Qual é o maior mandamento?”, Jesus responde: “O primeiro é: amarás o Senhor teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todas as tuas forças” (Mc 12, 30). Este mandato de amor não se situa no mesmo plano dos outros preceitos, esquecido entre outras normas mais ou menos importantes. Para Jesus, o amor a Deus é o princípio que anima e orienta tudo o resto. Um preceito que não derive do amor ou que se lhe oponha, deixa de ter sentido: não serve para construir a vida tal como Deus a quer. Ao escutarmos o verdadeiro Deus, apercebemo-nos de que ele nos convida a amar. Não se trata, propriamente, duma lei, mas do que brota em nós quando nos abrimos ao Mistério último da vida: “Amarás”.

Este amor a Deus é o primeiro mandamento. Mas há outro que Jesus acrescenta, logo a seguir. O amor a Deus vem unido a um segundo mandamento, do qual se não pode dissociar: “O segundo é este: amarás o teu próximo como a ti mesmo. Não há outro mandamento maior do que estes” (Mc 12, 31). Amar o próximo como a si mesmo significa, simplesmente, amá-lo como desejamos que o outro nos ame. Assim se compreende o convite de Jesus, também chamada a “regra de ouro”: “Tratai os outros como quereis que vos tratem a vós”. A nossa experiência pode ser o melhor ponto de partida, para imaginarmos como temos de tratar duma pessoa concreta. Não há desculpas nem escapatórias. Queremos sempre o melhor para nós. Esta “regra de ouro” faz com que busquemos o bem de todos, duma forma incondicional. Deverá ser esta a nossa atitude básica, enquanto colaboradores no projeto humanizador do Reino de Deus.

<http://www.gruposdejesus.com/perfil-humano-de-jesus-5/>

José Antonio Pagola. Teólogo espanhol.

Publicado por **Grupos de Jesús**, em 11 janeiro 2016.